Capítulo XXI — Conclusão do precedente

> **Sumário.** O materialismo, consequência do esquecimento dos Santos. — Recurso a remédios puramente naturais. — Abandono das antigas peregrinações. — Doenças incuráveis. — A crítica moderna abriu a porta à heresia e ao racionalismo. — Necessidade de combatê-la. — As *Biografias evangélicas*.

Os negadores de nossas tradições nacionais desmantelaram a França e atraíram sobre ela os flagelos de Deus. Insistamos nesse fato cheio de dolorosa atualidade. Vejamos o que se passa.

Hoje as multidões correm aos quatro cantos da França para pedir aos banhos de mar, às águas termais de Vichy, de Barèges, de Plombières, de Luxeuil, que sei eu?, a cura de suas enfermidades. Nossos pais iam mais direto ao alvo; doentes, dirigiam-se aos santos, honrados de geração em geração nas Gálias. Para obter a saúde, criam os amigos de Deus mais poderosos que as criaturas materiais.

Daí, sem negligenciar inteiramente o recurso às causas segundas, os numerosos peregrinos que tão amiúde percorriam as províncias da França para ir ao túmulo de algum santo ou de alguma santa, em vista de obter a cura de tal ou tal doença. Os ex-votos que forravam os veneráveis santuários tornavam-se testemunhas perpétuas do poder dos santos e da fé dos doentes.

Nos reinos da terra, os reis têm vários ministros, cada um encarregado de um ramo particular da administração. Dá-se o mesmo no reino do céu, arquétipo de todos os reinos. Os anjos, diz são Paulo, são espíritos administradores, cada um dos quais tem a missão de procurar o bem espiritual e temporal dos herdeiros do Céu.[1]

Dá-se o mesmo com os santos: cada um tem o seu departamento a administrar, isto é, necessidades especiais, espirituais ou temporais, a aliviar. Pode-se ver no grande martirológio das Gálias, *Martyrologium gallicanum*, a numerosa lista dos santuários aonde se ia em peregrinação para tal ou tal doença. Como dissemos, os ex-votos testemunham que a confiança dos doentes não era vã. Oh! como eram boa gente os nossos pais! Bravos não somente nos campos de batalha, mas bravos em sua fidelidade aos ensinamentos da fé.

Nas calamidades públicas, era ainda melhor. Pode-se duvidar de que o sol alguma vez tenha iluminado espetáculo mais magnífico e mais comovente que essas grandes peregrinações

realizadas por nossos antepassados para obter a cessação de algum flagelo. Vedes essas populações inteiras, sacerdotes, nobres, magistrados, burgueses, homens das oficinas e homens dos campos, a caminho a pé, em bela ordem e rezando, rumo a um santuário venerável, distante às vezes várias léguas e até várias jornadas de marcha, a fim de obter a cessação de uma peste, de uma seca ou de outra calamidade? Sua fé não ficava sem recompensa: a palavra do Todo-Poderoso estava empenhada.

E nós, seus filhos, qual é a nossa conduta? Graças aos demolidores de nossas tradições, pais dos livres-pensadores, achamos de bom gosto zombar da fé simples e ingênua de nossos pais. Entretanto, os flagelos de Deus caem como granizo sobre a França culpada; vários são até endêmicos. Há longos anos, as batatas estão doentes. Em vez de curar-se, a vinha piora de dia para dia. Atingida primeiro pelo oídio, viu-se atacada pela pirale; e, como complemento, está hoje devastada por um inimigo mais temível que todos os outros: o imperceptível, o misterioso, o terrível filoxera.

No momento em que estas linhas são escritas, quarenta e três de nossos departamentos vinícolas estão invadidos. Neste ano de 1878, a colheita de vinho já não é senão de um terço. No próximo ano, se o inseto continuar as devastações, não será mais que de um quarto, talvez menos. Quando o mal se deterá? O sábio o ignora, mas o cristão o sabe. O sábio o ignora porque, não conhecendo a causa do mal, ou não querendo conhecê-la, seus remédios são impotentes. Os flagelos de Deus não se aplacam com enxofre ou com carbono. O cristão o sabe porque, conhecendo a causa do mal, seu remédio é infalível.

Qual é essa causa?

> *Se tu não quizeres ouvir a voz do Senhor teu Deos..., virão sobre ti, e te alcançarão todas estas maldições. [...] Plantarás a vinha, e a cavarás: mas não lhe beberás o vinho, nem d'ella colherás cousa alguma: porque será destruída dos bichos.*[2]

Qual é esse remédio?

> *Se tu porém ouvires a voz do Senhor teu Deos... O Senhor te fará abundante de todos os bens... O Senhor abrirá o seu riquissimo thesouro, que he o ceo, para derramar sobre a tua terra a chuva em seu tempo.*[3]

Eis o que é claro. O remédio contra o filoxera é voltar à fé simples e ingênua de nossos pais e dizer como eles, na sinceridade de nosso coração: Pecamos; reconhecemo-lo humildemente; mas basta, convertemo-nos. Como a cessação de todos os outros flagelos, a destruição do filoxera está nesse preço: senão, não.

3º O denegrimento insensato dos críticos modernos abriu o caminho à heresia e ao racionalismo. — Um flagelo mais terrível que o filoxera devasta hoje a França. Todos o chamam incredulidade, subida até a negação radical de toda verdade, religiosa e até social. Em grande parte ao menos, quem disso carrega a responsabilidade diante de Deus e de todo homem imparcial? Os negadores de nossas tradições nacionais. Um de seus antepassados, Erasmo, dizia: *«Eu pus o ovo, Lutero o chocou: Ego peperi ovum, Lutherus exclusit.»* Daí o adágio tornado histórico: *«Onde Erasmo faz sinal, Lutero acorre: Ubi Erasmus innuit, Lutherus irruit.»*

O erro é como a gota de óleo caída numa veste. A princípio ponto imperceptível, logo se torna uma mancha considerável. As negações particulares dos críticos, de que já se fez justiça, tornaram-se, por via de consequência, a negação universal. Prosseguindo a obra de seus antecessores, os racionalistas modernos chegaram a negar a realidade dos personagens e dos fatos evangélicos.

Ao ver a França e a Europa expirando vítimas da dúvida, pergunta-se com pavor como, depois de dezoito séculos de fé cristã, o mundo chegou a isso. O que é emana do que foi. As fontes fazem os riachos; os riachos fazem os rios; os rios fazem os grandes rios e os grandes rios vão espalhar-se e perder-se nos oceanos. Dá-se o mesmo com o erro, nunca se repetirá o bastante.

Que os críticos extremados, jansenistas e galicanos, se deem conta do que fizeram. Negadores de nossas tradições religiosas e nacionais mais veneráveis, podem lavar as mãos e dizer como Pilatos: *«Somos inocentes dos erros que matam o mundo atual e a França em particular»*? A Igreja pôs nossos primeiros missionários em seus martirológios e em seus ofícios, com o título de apóstolos e de discípulos imediatos dos apóstolos; e vós lhes recusais esse título glorioso e, recusando-lho, decapitais nossas igrejas!

Essa primeira negação, sabei-o bem, serviu de prancha a outras negações cada vez mais radicais. Quantos santos não atacastes, em desprezo da autoridade da Igreja que os pôs em seus altares? Vários dos vossos não chegaram a dizer que os papas inscreviam em suas bulas o que algum charlatão lhes sugerira, ou que tiveram sequazes das trevas para forjar bulas em seu nome?[4] Condenar assim os testemunhos da antiguidade acerca dos primeiros apóstolos das Gálias não é convidar os hereges e os descrentes a rejeitar as tradições da própria Igreja? Não foi, com efeito, a crítica dos séculos XVI e XVII que ensinou os protestantes a desprezar os nossos santos, e suas relíquias, e seus santuários, e o culto que lhes prestavam nossos antepassados? Podia ser de outro modo, quando viam entre os católicos pretensos sábios pensar como eles? Não é ela, enfim, que, entregando à irrisão a fé de nossos pais, lançou a dúvida e a confusão no espírito dos fiéis, esfriou ou extinguiu a sua piedade para com os protetores da França?

Conduta insensata tanto quanto culpável! Todas as grandes igrejas das Gálias cantam sua origem apostólica, os martirológios a narram, os doutores a ensinam, inumeráveis monumentos a perpetuam, os verdadeiros sábios a demonstram: e, no orgulho de uma ciência que de nada duvida porque de nada suspeita, os hipercríticos vêm perturbar com sua voz discordante esse harmonioso concerto!

Inqualificável sob o triplo ponto de vista da ciência, da honra nacional e da religião, essa conduta é, ao mesmo tempo, um ultraje aos apóstolos, ao próprio Nosso Senhor, a nossos antepassados, e um crime de lesa-pátria.

Com o risco de nos repetir em alguns pontos, vamos contar brevemente a genealogia dos modernos críticos, cujas funestas tentativas acabam de ser vistas; é o meio de mostrar o que são e o que valem. Esperamos mostrá-lo melhor ainda numa obra, terminada há muito tempo, e que não espera para aparecer senão dias melhores.

Sob o título de BIOGRAFIAS EVANGÉLICAS, essa obra contém a história, quase desconhecida, de todos os personagens nomeados no Novo Testamento, desde o Evangelho de são Mateus até o Apocalipse, inclusive. Dada a guerra atual, guerra sem misericórdia contra a religião e contra a sociedade, guerra que conduz o mundo à barbárie, nossas biografias entram naturalmente nas condições da defesa.

Aí se encontra a sua principal razão de ser e a sua oportunidade. O católico de hoje deve estar couraçado de ferro, a fim de ser invulnerável e armado de todas as peças, para não ceder ao inimigo nem um palmo de seu território, nem uma pedra de suas fortalezas.

Venhamos à genealogia dos hipercríticos.

Depois de quinze séculos de cristianismo, encontraram-se, no seio das nações batizadas, homens bastante insensatos para negar os fatos de onde saiu a civilização do mundo e bastante impertinentes para passar, sem cerimônia, um atestado de demência à elite do gênero humano. Como isso se fez? E qual é a origem dessa raça desconhecida da antiguidade?

Há hoje um fato visível como o sol, e que muitas vezes anunciamos em nossos escritos: Há muito tempo opera-se a respeito do cristianismo, na ordem histórica e tradicional, não menos que na ordem filosófica e política, um trabalho incessante de eliminação. Sob o nome de ciência positiva e de crítica esclarecida, fez-se mão baixa em todas, ou quase todas, as tradições das igrejas particulares. Às doces crenças sucede a seca negação. Despojado de sua auréola, o cristianismo já não é o sol nascente cuja irradiação se estende ao longe: dir-se-ia uma montanha isolada que esconde o cume em brumas eternas.

Outrora não era assim. Em torno da grande tradição católica, alinhavam-se numerosas e belas tradições particulares. Os personagens evangélicos, cuja história empreendemos esboçar, eram conhecidos tanto quanto podem sê-lo. Oratórios, muitas vezes igrejas e mosteiros, marcavam o lugar de suas pregações, o teatro de seus milagres, o campo de batalha onde haviam conquistado a palma do martírio. Peregrinações, dando corpo à tradição, fixavam-na nos hábitos da vida.

O que a palavra transmitia ao ouvido, as artes o diziam aos olhos. Que eram os vitrais, os baixos-relevos, as pinturas murais das antigas igrejas senão a história pormenorizada dos primeiros pregadores a quem se julgava dever a fé? Fundadas em tantos títulos, consagradas pelo tempo, as igrejas das Gálias, das Espanhas, da Germânia, da Grã-Bretanha gloriavam-se de ter tido alguns de nossos personagens evangélicos como fundadores ou como coadjutores de seus primeiros apóstolos.

Cada uma delas podia dizer de suas origens apostólicas o que a Espanha disse das suas pela boca de um de seus ilustres filhos:

> *Temos por quase tão certo como um artigo de fé que são Tiago veio em pessoa pregar neste reino.*[5]

Podem-se aplicar aqui as sábias palavras de Chateaubriand sobre a visita dos lugares santos.

> *Os primeiros viajantes eram bem-aventurados, não eram obrigados a entrar em todas essas críticas; primeiro, porque achavam em suas leituras a religião, que jamais disputa com a verdade; segundo, porque todos estavam persuadidos de que o único meio de ver um país tal qual é consiste em vê-lo com as suas tradições e as suas lembranças.*

> *É, com efeito, com a Bíblia e o Evangelho na mão que se deve percorrer a Terra Santa. Se se quer levar para lá um espírito de contenda e de chicana, a Judeia não vale a pena de ser procurada tão longe. Que se diria de um homem que, percorrendo a Grécia e a Itália, só se ocupasse em contradizer Homero e Virgílio? Eis, contudo, como se viaja hoje: é um efeito de nosso amor-próprio, que quer fazer-nos passar por hábeis tornando-nos desdenhosos.*

Itinéraire, t. II.

Notas

[1] *Nonne omnes sunt administratorii spiritus, in ministerium missi propter eos qui haereditatem capient salutis?* — «Por ventura não são todos os espiritos huns administradores, enviados para exercer o seu ministerio a favor d'aquelles, que hão de receber a herança da salvação?» (Heb 1, 14).

[2] *Quod si audire nolueris vocem Domini Dei tui... Vineam plantabis, et fodies: et vinum non bibes, nec colliges ex ea quippiam: quoniam vastabitur vermibus.* (Dt 28, 15.39).

[3] *Si autem audieris vocem Domini Dei tui... Abundare te faciet Dominus omnibus bonis... Aperiet Dominus thesaurum suum optimum, cælum, ut tribuat pluviam terræ tuæ in tempore suo.* (Dt 28, 1.11-12).

[4] *Nugivendus aliquis Benedicto insussuravit... Lucem accommodat bullae quam aliquis in tenebris sub nomine Joannis XXII vulgavit.* Launoy, apud Quesnaeum, *Censura in criticam Lipsanon; et in bullam sabbatinam*, c. IV, p. 76, ed. 1655.

[5] *Lo tenemos por poco menos cierto que articulo de fè, que vino Santiago personalmente a predicar a esto Reyno.* Isella, *Regula militiae sancti Jacobi*, c. III.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:48 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin